REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

UMA HISTÓRIA DA ABOLIÇÃO

A quem conhece, perfunctòriamente embora, os fastos do Ceará não há de causar surprêsa a preferência do respeitável historiador Raimundo Girão por um tema atraente e sedutor, qual o da libertação dos escravos, levando-o a escrever êsse bem lançado livro que é "A Abolição no Ceará" (Editora A. Batista Fontenele, Fortaleza, 1956).

A libertação dos escravos é, sem sombra de dúvida, o mais empolgante feito de tôda a nossa evolução político-social, superando mesmo o movimento em favor da República e, até, a Revolução de 1817 e a Confederação do Equador, em 1824, que tantas glórias acrescentaram à substancial soma de sofrimento por que já havia passado e haveria ainda de passar o povo cearense Dado que sua alta significação transbordou de nossas lindes políticas, não sòmente em relação as demais regiões do País, como aos mais distantes e cultos povos do mundo civilizado, mereceu o Ceará, por tal feito, a antonomásia de "Terra da Luz", como se aquela outra — "Terra do Sol" — não bastasse para fixar nossa feição particular.

Por êsse motivo, dentre outros, não deve prevalecer a afirmação de que nosso gesto altruístico só se explica pelo fato de não possuirmos grandes massas de escravos, face à realidade regional, mais propícia à criação de gado, para cujo serviço melhor se adaptava o nomadismo do mestiço de branco e índio, do que às atividades agrícolas, mais afeitas ao temperamento conservador do negro africano

A realidade histórica está aí para demonstrar que, se nunca alcançámos as altas cifras de escravos que a cana de açúcar exigiu para o Nordeste verde ou a cultura do café reclamou para São Paulo e a Paraíba do Sul, o número de cativos que o Ceará possuía ao tempo da campanha abolicionista era de tal modo significativo que jamais repre-

sentaria apenas parcela desprezível no montante de escravos importados para o Brasil ou nascidos em nosso País.

Por outro lado, se os cativos àquela época existentes no Ceará eram menos numerosos em relação aos de que careciam as regiões agrícolas do País, não seria possível, pelo menos, desconhecer que aquêles representavam, sem dúvida alguma, sensível parcela do patrimônio de nossos antepassados, a êstes sendo tão custoso desfazer-se dêles quanto o era para os "senhores" de outras regiões mais ricas

É, assim, evidente, à luz da própria história, o heroísmo dos libertadores cearenses e o desprendimento ímpar de muitos "senhores" destas bandas, em contraste com o (como direi?) egoismo dos sulistas, sempre muito preocupados com as conseqüências fatais e funestas, de uma lei redentora.

Ninguém discutiria a afirmação, já sediça, de que a abolição criou problemas novos, um dos quais — a aglutinação nas chamadas "favelas" que pululam em volta dos grandes centros urbanos — mereceu página inesquecível de Tristão de Athayde, hoje mais voltado para a crítica sociológica do que para a literária, antigamente exercida. Criou-os, sim, numerosos e graves Mas semelhante evidência jamais justificaria o adiamento da solução de outro problema ainda mais sério, assentado na injustiça legal que oficializava a exploração do homem pelo homem. Contra êle já se levantara, dois séculos antes, o verbo de Vieira, proclamando que "entre Cristão e Cristãos não há diferença de nobreza, nem diferença de côr". E não fôsse uma sacodidela mais forte na consciência nacional, atribuída com muita justiça ao gesto cearense de 1884, é fora de dúvida que teríamos adiado a solução do grave problema, a exemplo do que vinha acontecendo há respeitável parcela de tempo.

Essas idéias gerais acêrca de assunto tão empolgante ainda hoje em dia, quando escritores discutem pelo menos a oportunidade e o processo por que se realizou a abolição no Brasil, ocorrem-nos à luz das páginas concisas mas seguras de Raimundo Girão, nesse precioso livrinho que não sòmente acrescentou algo de substancial a sua já vasta e poliédrica bibliografia (direito, economia, finanças, sociologia, ensaio, genealogia, história, biografia, etc.), como enriqueceu a própria literatura cearense.

Pena é que o autor de "A Abolição no Ceará", pela pressa, talvez, de entregar o livro ao público, se tenha excusado de ajuntar-lhe um documentário comprobatório mais extenso. Êste se faria necessário, não porque duvidássemos da probidade de Raimundo Girão, acima de qualquer suspeita, mas pelo fato de que um rico documentário integrante da obra possibilitaria futuras interpretações do acontecimento,

sabido que o material consultado pelo autor não poderá, em grande parte, ser novamente compulsado, face ao estado de penúria e desagregação em que atualmente se encontra, conseqüência do desleixo com que têm sido guardados nossos arquivos e hemerotecas e da qualidade inferior do papel de nossos jornais.

Não prevaleceria, para justificar a omissão dêsse documentário mais rico, o argumento de que o número de páginas do livro cresceria de muito, criando sério problema de ordem financeira. Não devemos aceitar o argumento de que as obras de pesquisa devam sofrer a premência dessas dificuldades, cabendo ao poder público e, na ausência dêste, às sociedades culturais o papel de incentivar a publicação de obras de tal natureza, com a aplicação de substancial ajuda. Acresce que, dêsse novo livro de Raimundo Girão, o capítulo sôbre "os poetas da abolição" poderia, sem grande prejuízo para a obra, ser parcial ou mesmo totalmente omitido, aproveitada uma ou outra poesia, de qualidade superior, em lugar próprio, à moda de nota, em outros capítulos. Pois é certo que, se grande foi o papel de nossos libertadores no que diz respeito à ação objetiva, não souberam, todavia, alcandorar-se às alturas de um Castro Alves, salvo, talvez, Barbosa de Freitas, afirmação que fazemos ainda com certa reserva, dado que procurou imitar, quase servilmente, o grande condoreiro, até mesmo em suas liberdades poéticas, como é fácil de perceber-se nestes versos transcritos:

"É a hora da Liberdade
Em que dos céus nasce a luz,
Em que rasgam-se as cortinas
Dos horizontes azuis!
E os pensamentos em tropa,
Como nuvem que galopa,
Vêm rolar sôbre o Brasil
E lá nos serros desterrados,
Nos colossos deslocados,
O condor mostra o perfil".

Nenhuma destas nossas observações, entretanto, jamais teria por fim obscurecer a evidente importância do último livro de Raimundo Girão. Seria, ademais, tarefa inútil, por impossível. Pelo contrário, o que objetivam é a valorização, já de si grande e digna de aplauso, de um livro que, se outro defeito possui, é o de não ter vindo mais cedo, para regalo de quantos se dedicam ainda, nestes tempos de "champanhotas", à ingrata mas empolgante atividade literária.

MOZART SORIANO ADERALDO